



ÉTICA GLOBAL, IGUALDADE E SUSTENTABILIDADE

Paulo Eduardo de Oliveira

Uma das principais questões que se relacionam com a sustentabilidade é a igualdade. No campo da ética, a igualdade se apresenta como a condição que aproxima as pessoas em razão de seus direitos e deveres compartilhados. Numa sociedade não igualitária, dividida em castas e classes, ou dirigida sob o peso de uma ditadura, não existe o compromisso de todos com certos valores e normas de conduta. Geralmente, nesses casos, os mais pobres e desprivilegiados acabam carregando um peso maior. O mesmo pode-se dizer em termos de política internacional¹: à medida que há uma profunda divisão entre os países, os compromissos mútuos pelo bem comum e pela sobrevivência de toda a humanidade tornam-se menos profundamente assumidos. Pelo contrário, quando há equilíbrio e harmonia entre as nações, que se consideram com respeito em razão do princípio da igualdade, há um empenho geral muito mais fortalecido em prol das causas comuns. Veja-se, por exemplo, o quanto a participação da ONU² tem contribuído para a defesa dos direitos humanos em todo o mundo, assim como para a conscientização quanto aos deveres das pessoas e dos países em relação a questões relevantes para toda a comunidade internacional, como a questão da paz, da fome, da democracia e da sustentabilidade³.

O Brasil também é membro da ONU⁴ e isso nos ajuda a criar projetos e iniciativas para a solução dos desafios nacionais, principalmente aqueles que dizem respeito à questão da sustentabilidade em todos os seus aspectos (ambiental, social, político, cultural, econômico etc.).

Passemos agora a refletir sobre o tema da igualdade. Há dois valores humanos fundamentais a partir dos quais se constroem todas as diferentes moralidades: a igualdade e a liberdade. Sobre a liberdade, veja-se o nosso artigo *Ética, liberdade e determinismo: os limites da ação humana e o problema da sustentabilidade*, nesta mesma publicação. Tratemos, aqui, do conceito de igualdade, para podermos compreender como ele nos ajuda a refletir sobre o tema da sustentabilidade.

COMPREENDENDO O CONCEITO DE IGUALDADE

O que é a igualdade? Pais e mães deveriam considerar seus filhos como iguais, tratando-os sempre da mesma forma. Numa mesma nação, os cidadãos que ali vivem deveriam ser tratados como pessoas iguais, de igual valor e com o mesmo direito de consideração. Quando corrijo os trabalhos de meus alunos, devo considerá-los iguais, usando para todos os *mesmos critérios* de correção. Não posso *discriminá-los*, ou seja, não posso estabelecer diferenças entre eles. Hoje, como nunca antes, fala-se da necessidade de eliminar todas as formas de discriminação⁵: isso significa estender cada vez o valor da igualdade a todas as pessoas.

Mas, em que meus alunos são iguais? Cada um vem de família diferente, suas personalidades são diferentes, seus gostos e seus anseios diferem entre si, cada um tem suas próprias opiniões e sua visão de mundo, cada um tem uma história pessoal que, em nada, se iguala à dos outros. Na verdade, eles parecem absolutamente diferentes.

E as pessoas, em que são iguais?

A HISTÓRIA DA DIFERENÇA

Para se entender melhor certos conceitos, é mais fácil analisar o conceito oposto: as definições negativas⁶ (dizer o que algo não é) podem nos ajudar também na compreensão do conceito de igualdade. Analisemos, portanto, alguns capítulos da história da diferença, a fim de compreender os passos que foram dados, historicamente, no caminho de conquista da igualdade.

Concepção naturalista

A diferença entre homens livres e escravos talvez seja uma das mais antigas formas de discriminação. Aristóteles⁷, apesar de sua genialidade em outras matérias, cedeu à influência de sua cultura quando afirmou: “Alguns homens nasceram para ser livres e outros, para ser escravos”. Evidentemente, Aristóteles era um aristocrata⁸, porque se fosse escravo jamais diria



isso (nossas ideias tendem a defender nosso *status quo*, ou seja, nossa posição social). De acordo com essa concepção, está na própria natureza de cada pessoa ser livre ou não. Não depende da escolha individual nem mesmo da forma de organização social da comunidade em que vive: depende, apenas, da disposição natural de ter *nascido para*. Esse parece ser o traço fundamental de toda forma de discriminação: uma concessão à natureza. Na verdade, trata-se de uma ideologia (uma ideia-chave que mantém determinada estrutura social, como afirma Karl Marx⁹), que se pode chamar *naturalismo*. E essa ideologia¹⁰ é muito mais forte do que se pode imaginar.

A *ideologia naturalista* concede à natureza todos os méritos ou toda a culpa de colocar as pessoas em diferentes *níveis sociais* e isso importa na medida em que se disseminam as ideias de que: a) não há uma causa social, mas apenas natural para as diferenças (então não há injustiça social, apenas injustiça natural, se assim se pode dizer); b) não há possibilidade de mudança, pois a situação de cada um é estabelecida de modo absoluto e definitivo: quem nasceu livre ou escravo vai morrer livre ou escravo; c) o valor moral consiste em manter as coisas como a natureza determinou, ou seja, cada qual ocupando seu papel no corpo social (no qual a uns cabe a função de cabeça e, a outros, a de dedão do pé).

A partir desse modo de compreender a realidade, torna-se difícil estabelecer ações em vista da sustentabilidade política, social e cultural de uma comunidade, pois um dos pilares da sustentabilidade é a igualdade entre as pessoas.

Concepção religiosa

A discriminação também pode se apoiar numa justificativa religiosa. Alguns se acham escolhidos, chamados diretamente por Deus, parte de um *povo santo*, enquanto outros não gozam desse privilégio. As Cruzadas¹¹ foram desencadeadas por essa ideia, assim como os inumeráveis conflitos religiosos de nosso tempo. A Inquisição Medieval¹² justificava o uso da força e da violência física, com direito absoluto sobre a vida das pessoas, a partir dessa noção de diferença religiosa.

Na época dos grandes descobrimentos, constituía-se problema teológico fundamental a legitimidade do batismo dos indígenas: teriam eles alma como nós, *povo escolhido*? Pessoas negras não podiam entrar para a vida religiosa, ao menos não com as mesmas vantagens dos brancos (São Martinho de Lima, frade dominicano, era considerado um religioso de *menor grau* por ser negro e, assim, passou sua vida inteira varrendo o pátio do convento onde viveu, no Peru).

Até hoje, alguns preceitos morais, mesmo amparados por concepções religiosas, são discriminatórios (como o impedimento de participação no culto àqueles que são divorciados, por

exemplo; suicidas não têm direito à missa de corpo presente é outro exemplo; ou, ainda, muitas mulheres sentem-se discriminadas por não terem o direito de exercer certas funções nas igrejas).

Concepção racional ou científica

A discriminação também pode ter origem em alguma concepção científica ou racional, como no caso da consideração das pessoas que são *normais* e aquelas que são *anormais*. Os exames psicotécnicos¹³ são instrumentos de verificação do grau de normalidade das pessoas e se prestam a dizer quem é apto e quem não o é. Isso não será também uma forma de discriminação? O filósofo francês contemporâneo Michel Foucault analisa, em sua obra *História da Loucura*¹⁴, como o conceito de loucura foi sendo construído ao longo do tempo, de acordo com aquilo que as pessoas entendiam como sendo “normal” ou “anormal”.

Adolf Hitler¹⁵ tinha um projeto político-social apoiado na *ideologia da diferença*. Todos os seus esforços estavam concentrados em provar, cientificamente, a existência de uma raça superior às outras, o que ele chama de *raça ariana*¹⁶. Assim, as pesquisas nazistas foram desenvolvidas amplamente até o momento crucial: quando o próprio Hitler, como conta a história, foi excluído das medidas e quantificações do que deveria ser a *raça pura*.

A ciência, em suas manifestações mais recentes, tem levantado sérios problemas quanto à manipulação da vida humana. A disputa reside no direito ou não de interferir nos processos de geração e de conclusão da vida humana. Pode-se realizar pesquisas com embriões? “Podem porque ainda não são pessoa humana”, dizem alguns. “Não podem porque são pessoa humana desde o primeiro momento”, dizem outros. Podem-se desligar os aparelhos que mantêm vivo um doente há anos em estado vegetativo? “Sim, porque esse paciente já não tem mais consciência”, afirma alguém. “Não, porque enquanto há vida cerebral ainda se deve respeitar a dignidade do paciente”, afirma outro.

Concepção social ou econômica

Por fim, ainda devem-se considerar os processos de discriminação justificados pela situação social das pessoas. Ser pobre ou rico é, sem dúvida, uma das principais causas das diferenças entre as pessoas e as nações. O problema da sustentabilidade social e econômica passa por esta questão.

Para alguns, adeptos da visão *funcionalista*, tal diferença não pode ser evitada, pois faz parte do processo normal de funcionamento da máquina social¹⁷. Portanto, as pessoas não são iguais e é esta diferença que faz com que o tecido social *funcione* de modo adequado. Afinal, não

pode haver uma indústria onde todos são patrões, assim como não pode haver um corpo onde haja apenas cabeça. Esse argumento funcionalista, embora pareça plausível e lógico, está carregado de carga ideológica (isto é, de uma concepção de ideias que servem para manter determinada ordem social).

Para outros, contudo, partidários de uma visão *estruturalista*, as diferenças fazem parte de uma determinada *estrutura social*, cuja configuração pode ser alterada. Assim, concebe-se que as *estruturas de dominação* podem dar lugar a *estruturas de respeito e de igualdade*. Parece ser esta a ideia que fundamenta todas as mais recentes revoluções sociais que presenciamos: as vítimas de uma determinada estrutura de poder e de dominação lutam para se libertar da mesma estrutura, dando vida a uma nova forma de viver em sociedade. Deve-se notar, contudo, que as estruturas antigas dão lugar a novas estruturas que, com o tempo, poderão vir a ser substituídas por outras, e assim por diante. E, em alguns casos, mudam-se “as cores”, mas não “as paredes”: há muitos que lutam contra o machismo, porque querem que as mulheres ocupem o lugar dos homens, mantendo-se a mesma estrutura de poder. Muitos dominados numa certa estrutura social passam a ser os dominadores depois da revolução.

A MORAL DA DIFERENÇA

As discriminações, em suas várias facetas, podem levar à constituição da *moral da diferença*, expressa, sobretudo, em ideias como: “o mundo é para poucos”, “o mundo trata melhor quem se veste bem”, “aos amigos, as facilidades; aos outros, o rigor da lei”, “isso não é coisa para mulher”, “você é ainda muito criança para isso”, “isso é coisa de pobre”, “isso é coisa de preto” etc. Note-se que levou muito tempo para o Brasil considerar a discriminação como crime¹⁸.

Esses exemplos, retirados de expressões usados pela mídia ou no dia a dia das pessoas, revelam o quanto nossa sociedade se orienta por uma moral discriminatória. Tal moral é incapaz de sustentar a construção de uma sociedade igualitária e que respeite a dignidade da pessoa humana e, por isso, é também incapaz de construir uma sociedade disposta a se empenhar em prol da sustentabilidade¹⁹, sobretudo no campo econômico, social e político.

Por isso, não surpreende a brutal indiferença diante das grandes injustiças que se cometem com os *diferentes* (as crianças, as mulheres, os doentes, os pobres, os marginalizados etc.). Na ótica que se construiu a partir da moral da diferença, não se considera injustiça a separação entre os grupos e o tratamento desigual às pessoas.

AS LUTAS PELA IGUALDADE

A história humana está repleta de exemplos da batalha incessante pela conquista da igualdade entre todos os homens. Desde os tempos antigos, os mitos clássicos e os relatos bíblicos (a libertação dos hebreus que eram escravos no Egito, por exemplo) vemos que o ideal da igualdade impulsiona homens e mulheres a se empenharem por consegui-lo.

Revolução Francesa

A Revolução Francesa²⁰, numa época mais próxima de nosso tempo, no final do século XVIII, tornou explícita a luta pelos ideais da fraternidade, da liberdade e da igualdade. De uma sociedade marcada pela dominação absoluta dos monarcas e pela distinção entre as pessoas (a nobreza e o povo), passamos a construir sociedade onde as pessoas são respeitadas na sua condição de pessoas. Não é o sangue ou a posição social que garantem o respeito ao homem e à mulher, mas a sua *condição humana*. Não são privilégios pessoais, coisa de poucos, o que deve garantir nossos direitos, mas a nossa mesma origem, a nossa essência: antes de mais nada, somos membros da raça humana e, por si, temos direito à liberdade e à igualdade. É isso o que nos faz construir sociedades mais fraternas, ou seja, sociedades onde as pessoas se sintam irmãos, todos membros da grande família humana.

Poucos anos depois da Revolução Francesa, vemos uma série de batalhas desencadeadas pelo desejo de libertação. Grande parte das colônias europeias (inclusive os Estados Unidos²¹ e o Brasil²²) tornou-se independente, nesse período, revelando a consciência da humanidade quanto à igualdade de todos os homens entre si, o que é garantia para a conquista e manutenção de outros direitos fundamentais.

Libertação dos escravos

A libertação dos escravos e a garantia de direitos aos negros²³ foram também outros passos fundamentais para a evolução da humanidade no sentido da compreensão do valor da igualdade. A escravidão, apoiada até mesmo pelas lideranças religiosas, sustentava-se na falsa convicção de que os brancos eram superiores aos negros: quer dizer, os negros tinham menos dignidade e, por isso, menos valor.

Eram como objetos que podiam ser comprados, usados e vendidos. Sobre um escravo, o senhor tinha todos os direitos, inclusive sobre sua vida e sua morte. E isso era perfeitamente aceito pela moral vigente à época.

Em poucas palavras, os negros eram *diferentes*. E, quando há diferença, é preciso encontrar algo que estabeleça a distinção. A cor, evidentemente, era o que demarcava este território. E, ainda hoje, apesar de todo o avanço, vemos como a cor ergue muros entre as pessoas. Há inclusive personalidades artísticas que fazem de tudo para ficar “mais brancos”. Que mensagem tal pessoa passa para o resto da humanidade?

Na linguagem popular, podemos perceber a força do preconceito: “isso é coisa de preto”, “gato preto dá azar”, “segunda-feira é dia de preto”, “você está na lista negra” etc. Todas essas expressões revelam que, em nosso modelo cultural, ainda existem raízes da diferença que, durante milênios, separou os brancos e os negros.

O processo de emancipação da mulher²⁴

A mulher, nas sociedades ocidentais, começou a ser respeitada há muito pouco tempo. Nossa tradição cultural está centrada, sobretudo, no papel masculino. Vejamos alguns exemplos: Deus é Pai (quando o Papa João Paulo I, no seu curto pontificado de trinta dias, disse que *Deus é Pai e Mãe*, muitos se escandalizaram). Em toda a tradição judaico-cristã, a mulher é relegada a um plano secundário: o pecado entrou no mundo por causa de Eva, uma mulher; nas sinagogas, as mulheres ficavam em lugar separado, atrás dos homens; o filho que recebe a herança do pai é o primogênito (o primeiro filho do sexo masculino); segundo os relatos bíblicos, Jesus tinha apenas doze discípulos homens (certamente porque os evangelhos foram escritos por homens e não por mulheres); apenas os homens ocupam lugar de destaque e de poder na hierarquia da Igreja. Também na filosofia, Aristóteles afirma que “a mulher é um homem incompleto”. Nas Universidades Medievais, professores e alunos eram homens. Áreas de estudo como o direito, a medicina e a engenharia sempre foram preferencialmente para homens (há muito pouco tempo as coisas mudaram). Sigmund Freud²⁵ nos ensinou que o homem representa a sexualidade completa, enquanto a mulher sofre de complexo de castração (porque ela é menos do que o homem). As mulheres levaram muito mais tempo para conquistar o direito de votar, de dirigir automóveis (e ainda hoje alguns homens acham que as mulheres nunca vão aprender a dirigir como eles), de conduzir empresas, de ter salário igual ao dos homens, de fazer curso superior em algumas áreas etc.

Esses exemplos mostram o quanto a luta pela emancipação da mulher enfrentou fortes barreiras de *preconceito*. Pensemos nessa palavra: para facilitar, vamos escrevê-la do seguinte modo: *pré-conceito*. É um conceito (uma ideia, uma convicção ou uma crença) que já carregamos

de antemão, antes mesmo de tomar conhecimento das coisas. O sexo é, portanto, um fator de *diferenciação*, assim como a cor, a classe social, a origem etc.

Tantas diferenças

Poderíamos nos estender ainda mais nesse tema, mas o que foi dito é suficiente para esclarecer o quanto é frágil o *fundamento da diferença*. Hoje, quando se fala dos direitos da criança e do adolescente (temos inclusive um Estatuto para garantir tais direitos), dos direitos dos idosos, dos estrangeiros, dos doentes, dos deficientes, percebe-se o quanto avançamos em termos de conquista do ideal da igualdade.

Hoje se fala dos direitos das minorias²⁶, porque não são apenas os interesses da massa anônima que estão em jogo. Cada um, cada pequeno grupo, cada pequena comunidade tem o direito de defender sua forma própria de vida, seus valores e sua cultura.

Por que as pessoas merecem respeito, independentemente de qualquer situação? Porque são pessoas humanas: podem ser diferentes em quase tudo, mas nesse ponto somos todos iguais. Nós somos humanos e é isso o que garante nossa dignidade. Não é o sangue, a cor, a idade, o sexo, o país de origem, o dinheiro, a ciência e o número de diplomas que temos, nem mesmo a religião ou o partido do qual fazemos parte: somos todos humanos e nisso está o fundamento de nossa igualdade e de todo nosso empenho pela construção de uma sociedade mais sustentável.

O VALOR DA IGUALDADE

A igualdade é uma relação, não uma qualidade. Explico: uma qualidade ou atributo é algo que uma pessoa ou objeto tem. A expressão “a mesa é branca”, por exemplo, designa uma qualidade. É uma afirmação que tem sentido. Contudo, qual é o sentido da afirmação “a mesa é igual”? Não há sentido algum nessa frase, porque a igualdade não é uma nota, uma característica, mas uma relação: ela só pode ser entendida em si mesma, mas em razão de outro ser. Assim, a frase “a mesa é igual à cadeira” pode ter sentido porque estabelece a relação entre a cadeira e a mesa e, desse modo, denota algum traço comum entre ambas.

O mesmo pode ser aplicado ao valor da igualdade em relação às pessoas. Quando se diz que “todos os homens são iguais”, embora a expressão pareça ter sentido em si mesma, deve-se perguntar: “Iguais em quê?”. Pois, não há simplesmente “igualdade”, mas sempre “igualdade em algum aspecto”.

De outro lado, enquanto se poderia dizer que numa determinada sociedade apenas uma pessoa é livre, não se pode dizer que *apenas uma pessoa é igual*. A igualdade é, portanto, um valor moral que implica a relação entre as pessoas, seja na família, na escola ou na sociedade de modo geral.

Desse modo, pode-se dizer que os homens são iguais em muitos aspectos ou critérios de valor: na cor, na nacionalidade, na religião, nas ideias políticas, no sexo, na idade etc.

VALORES QUE SUSTENTAM O VALOR DA IGUALDADE

O valor da igualdade nos faz refletir sobre outros valores igualmente importantes que precisam ser considerados, pois esses valores, por assim dizer, sustentam o próprio valor da igualdade. Entre eles, destacam-se a individualidade, a consciência, o livre arbítrio e a responsabilidade.

Individualidade

Significa que cada qual é uma pessoa única, que se define por si mesma, com gostos e desejos pessoais. Quando digo *eu sou eu*, estou afirmando justamente a minha individualidade: sou um indivíduo, um ser único. Por isso, não é o marido que define a mulher nem a mulher que define o marido: cada um tem seu próprio espaço para ser *quem é*. Do mesmo modo, não é o pai ou a mãe que definem o filho e fazem as escolhas por ele, mas é ele mesmo que deve se manifestar e mostrar *quem é* (isso também serve para nós, professores, que muitas vezes ofuscamos a individualidade de nossos educandos).

Consciência

Embora Sigmund Freud²⁷ tenha nos ensinado que nossa consciência é a menor parte da mente (apenas a ponta do iceberg), ela constitui valor fundamental quando se considera a igualdade entre as pessoas.

Todos nós, em maior ou menor grau, temos consciência, isto é, percebemos a nós mesmos, assim como nossas ações, intenções, desejos e outros sentimentos, além da consciência de espaço e de tempo. Não se pode dizer o mesmo dos animais (ao menos não no mesmo nível de consciência que se atribui à espécie humana). A consciência nos permite responder às perguntas fundamentais: Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? O que quero fazer de minha vida?

O respeito à consciência das pessoas é um preceito moral fundamental: ninguém pode violar a consciência de outro ou negá-la, assumindo para si o controle sobre as decisões de outra pessoa. Isso vale para a nossa prática educativa: até que ponto nós respeitamos a consciência de nossos alunos? Nós damos espaço para que eles se manifestem ou impomos sempre nossos pontos de vista? Nós lhes damos espaços para expressar sua criatividade ou apenas exigimos que respondam aos nossos modelos e padrões?

Livre arbítrio

Embora associado à noção de consciência, o livre arbítrio pode ser definido como nossa capacidade de *decidir por nós mesmos*. O psicólogo e pedagogo Jean Piaget nos ensinou que, na evolução de nossa consciência moral, passamos por quatro estágios diferentes²⁸. O primeiro é chamado de *anomia*: ao pé da letra significa “sem lei”, ou “sem norma”. Nessa fase, nós nos comportamos de modo a buscar prazer e fugir da dor. Choramos quando estamos com fome ou com a fralda molhada e dormimos em paz quando estamos bem.

A segunda fase é chamada de *heteronomia* (a lei do outro): nesse período, o que rege nosso comportamento e conduta são as ordens dos pais e dos professores, sobretudo. “Escove os dentes”, “Faça sua lição de casa”, “Guardede seus brinquedos”, “Façam fila”, “Copiem do quadro” são exemplos de normas que vêm de fora, às quais vamos nos acostumando a obedecer.

Em terceiro lugar vem a *socionomia*, ou a lei do grupo: somos guiados, nesse período, pelas regras sociais, os padrões de comportamento coletivo, damos valor à moda e àquilo que *os outros vão dizer da gente*, cumprimos as regras do trabalho, as leis de trânsito e assim por diante.

Finalmente, vem a fase da *autonomia*, quer dizer, das minhas próprias regras e normas de comportamento. “Eu dirijo minha própria vida”, é o que dizemos quando chegamos a essa fase. Embora sigamos as orientações que guiam a vida social (socionomia) e também algumas regras que nos são ditadas por outros (heteronomia) ou pelos instintos (anomia), temos condições de dizer: “Isso eu quero fazer” ou “Isso eu não quero fazer”.

A rigor, o livre arbítrio só existe quando há autonomia, ou seja, consciência capaz de dirigir a própria vida e as próprias escolhas. Pessoas que só respondem às solicitações dos próprios desejos (entregam-se aos vícios, são escravos do prazer, desejam apenas as coisas mais fáceis e cômodas) ainda estão na fase da anomia. Por outro lado, aqueles que obedecem submissos e sem questionar as normas dos outros (dos pais, do chefe, do cônjuge, do líder espiritual) estão paralisadas na heteronomia. Aqueles que são guiados exclusivamente pela opinião do grupo (da moda, da televisão, da cultura de massa) e não conseguem decidir por si mesmos prendem-se na socionomia.

A educação precisa ajudar as pessoas a se tornarem autônomas, isto é, a terem capacidade de decidir por si mesmas e de orientar suas vidas com liberdade.

Responsabilidade

Como resultado de nossa consciência e do livre arbítrio surge a responsabilidade. Ser responsável significa *responder por*, isto é, assumir seus próprios atos, escolhas e decisões. Quando somos responsáveis, jamais atribuímos aos outros aquilo que teve origem em nós mesmos. Assim, somos transparentes e honestos.

Numa equilibrada educação para os valores, deve-se ajudar os educandos a substituir o sentimento de culpa (tão fortemente enraizado em nossa cultura) pelo valor da responsabilidade. Isso implica substituir os *simples castigos* por atitudes corretivas que sejam educativas. Ficar em pé, no canto da sala, por duas horas, corrige menos do que ensinar o educando a refazer a ação mal feita (seja uma tarefa escolar, uma atitude com o colega, um comportamento inadequado). A culpa contribuiu simplesmente para reforçar a imagem negativa que, por vezes, fazemos de nós mesmos. Em nada contribuiu para que reconheçamos nosso próprio valor e assumamos a verdadeira responsabilidade diante da vida.

Sublinhe-se este ponto: a responsabilidade está diretamente ligada à questão da sustentabilidade²⁹.

ÉTICA PLANETÁRIA E SUSTENTABILIDADE: ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO

Hoje, como nunca antes, fala-se em *ética planetária*³⁰. Este é, sem dúvida, o principal fundamento da sustentabilidade. Nunca, como em nossos dias, cresceu tanto a consciência de que podemos nos salvar ou nos destruir em massa. Isso tem implicações éticas muito significativas no campo da educação. Em primeiro lugar, precisamos aprender a lidar com a tensão natural que existe entre o “eu” e o “nós”: não se trata de dois pólos antagônicos que devem ser escolhidos independentemente, mas de aspectos complementares de nossa existência. Assim como não posso existir sem os outros, também não posso deixar que os outros encubram minha individualidade.

Isso alarga a reflexão no sentido da *solidariedade e da sustentabilidade*³¹, e este é o segundo aspecto importante. De uma perspectiva individualista (“O mundo é para poucos”, “Salve-se quem puder”), passamos a uma atitude solidária: saímos de nós mesmos para ouvir o outro, ser presença para o outro, estender a mão ao outro. De uma atitude pragmática (fazer para obter resultado imediato), passamos a adotar uma atitude existencial (fazer porque isso nos torna mais humanos). O valor da solidariedade precisa invadir os espaços da escola não apenas como um

discurso, a retórica da moda, mas como uma atitude que nos leva ao comprometimento com o outro (em primeiro lugar com nossos alunos, sobretudo com aqueles que mais precisam de afeto, atenção, dedicação, paciência).

O terceiro e último ponto, decorrente da solidariedade, é a *responsabilidade social*³²: não vivemos isolados no mundo, mas constituímos uma rede. Se nos salvarmos, nos salvaremos juntos; se morrermos, morreremos juntos. Trata-se de uma ética planetária, não mais de uma ética individual e intimista. Somos todos responsáveis não apenas por nossas vidas individuais, mas pela vida de todos os outros e pela vida do planeta. Não é questão de simples preferência pessoal, mas de consciência comum, forjada desde o berço. Tal consciência vai ser demonstrada em gestos simples, mas significativos como o tratamento adequado do lixo, a preservação ambiental, o cuidado pelo patrimônio comum de todos nós. A escola tem muito a contribuir nesse sentido. A possibilidade de construção de um mundo mais ético e sustentável está, sobretudo, nas mãos dos educadores.

INDICAÇÕES DE LEITURA

BARBOSA, Livia. **Igualdade e meritocracia**: a ética do desenvolvimento nas sociedades humanas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

BERTRAND, Yves e outros. **A ecologia na escola**: inventar um futuro para o planeta. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

EYSENCK, Hans J. **A desigualdade do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PIAGET, Jean. **A tomada de consciência**. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Brasília: UnB, 1989.

DEFINIÇÕES E NOTAS EXPLICATIVAS

- 1 A política internacional diz respeito à relação entre diferentes países, as regras comuns entre eles, os acordos diplomáticos, os compromissos de cooperação e assim por diante.
- 2 A ONU – Organização das Nações Unidas – Foi criada logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, em substituição da “Liga das Nações”. Atualmente, a entidade tem 193 países membros, entre eles o Brasil, e sua sede fica na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos.

- 3 **Indicação de link:** Sobre o trabalho da ONU em relação ao tema da sustentabilidade, sobretudo quanto ao meio ambiente, acesse o seguinte link: < <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-meio-ambiente/> > .
- 4 **Indicação de link:** Para conhecer o trabalho da ONU no Brasil, acesse o site < <http://www.onu-brasil.org.br/> > .
- 5 A palavra discriminação significa separação ou distinção, é o mesmo que criar diferenças. As pessoas muitas vezes são “separadas” em razão de sexo, raça, religião, classe social, nível de escolaridade etc. Uma das questões mais importantes para a construção de uma sociedade mais sustentável, do ponto de vista social, é o nosso empenho em eliminar toda forma de discriminação.
- 6 Definição negativa é uma forma de explicar algo não por aquilo que este algo é ou possui, mas pelo que não é ou não possui. Exemplo: o frio é a ausência de calor.
- 7 Filósofo grego, que viveu em Atenas no século IV a.C. Foi discípulo do também filósofo Platão, e exerceu profunda influência no pensamento ocidental até nossos dias.
- 8 Aristocrata é um membro da aristocracia, uma forma de governo dos considerados “melhores” de uma cidade ou nação. Trata-se, portanto, de um regime político que em si já estabelece não a igualdade, mas a diferença entre as pessoas.
- 9 Karl Marx (1818-1883), filósofo alemão, responsável pelo desenvolvimento de um pensamento crítico em relação à base econômica da sociedade, sobretudo a estrutura capitalista. Propõe o socialismo e o comunismo como formas alternativas de superação das desigualdades sociais produzidas pelo sistema capitalista. Sua principal obra é *O Capital*.
- 10 Ideologia é um conjunto de ideias, concepções ou doutrinas que constituem o nosso modo de compreender a realidade. O termo tem um caráter negativo, pois mostra aquilo que as pessoas, mesmo sem perceber, são ensinadas a ver na realidade como se fosse algo natural. Por exemplo: a ideologia naturalista faz as pessoas acreditarem que a diferença que existe entre o escravo e o homem livre, ou entre o rico e o pobre, é uma questão natural, contra a qual nada se pode fazer.
- 11 As Cruzadas foram lutas religiosas travadas sob o patrocínio da Igreja Católica, no período medieval, a fim de derrotar os muçulmanos e conquistar a “Terra Santa”, isto é, a Palestina, país onde viveu Jesus Cristo.
- 12 **Indicação de link:** Para uma compreensão mais aprofundada sobre a Inquisição, veja-se o seguinte link: < <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/galileu/inquisicao.htm> > .
- 13 Exames psicotécnicos são procedimentos de avaliação das condições psicológicas de uma pessoa para exercer determinada atividade ou trabalho.
- 14 **Indicação de link:** Para uma compreensão ampliada deste tema, ver os seguintes links: < <http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/24.pdf> > e < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/viewFile/4458/3367> > .
- 15 **Indicação de vídeo:** Para compreender o tema com mais clareza, veja-se o vídeo disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=EwQFBef94ZY&feature=fvsr> > .
- 16 **Indicação de link:** Para uma visão mais ampla desse tema, dentro da história do Nazismo, ver o material disponível em: < <http://educacao.uol.com.br/historia/nazismo-violencia-e-propaganda-foram-as-armas-de-adolf-hitler.jhtm> > .

- 17 **Indicação de vídeo:** O clássico filme “Tempos Modernos”, de Chaplin, faz uma excelente crítica desta concepção. Para ver este filme, acesse: < <http://www.youtube.com/watch?v=EGSY3FsOJn0> > .
- 18 **Indicação de link:** Para uma abordagem jurídica desta questão, ver o material disponível em: < <http://jus.com.br/revista/texto/169/crimes-de-racismo> > .
- 19 **Indicação de vídeo:** Veja-se o documentário que apresenta, na voz do teólogo Leonardo Boff, a “Carta da terra”, texto que nos ajuda a compreender as várias dimensões e a urgência de uma posição mais firme e consciente em vista da sustentabilidade. Acesse o filme aqui: < <http://www.youtube.com/watch?v=P0vN9WvtcoU> > .
- 20 **Indicação de link:** Diversos artigos sobre a Revolução Francesa, escritos de forma didática, podem ser encontrados em: < <http://www.brasile scola.com/historiag/revolucao-francesa.htm> > .
- 21 **Indicação de link:** Sobre a Independência dos Estados Unidos, ver os artigos apresentados em: < <http://www.brasile scola.com/historiag/independencia-estados-unidos.htm> > .
- 22 **Indicação de link:** Sobre a Independência do Brasil, ver os artigos apresentados em: < <http://www.brasile scola.com/historiab/independencia-brasil.htm> > .
- 23 **Indicação de link:** Sobre a discriminação racial, ver o artigo disponível em: < <http://www.brasile scola.com/sociologia/segregacao-racial.htm> > . E sobre a escravidão, no Brasil, acessar: < <http://www.brasile scola.com/historiab/escravidao-no-brasil.htm> > .
- 24 **Indicação de link:** Sobre o tema da emancipação da mulher, veja-se o artigo disponível em: < <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2847529> > .
- 25 Sigmund Freud (1856-1939) foi um médico austríaco, que formulou a teoria conhecida como Psicanálise. Sua principal contribuição foi a identificação do papel fundamental dos processos inconscientes na mente humana.
- 26 **Indicação de link:** Sobre o direito das minorias, ver artigo bastante completo em: < <http://tesseract.sites.uol.com.br/direitosminorias.htm> > .
- 27 **Indicação de link:** Para uma compreensão mais ampla do conceito de consciência, em Freud, ver o artigo disponível em: < <http://www.libertas.com.br/site/index.php?central=conteudo&id=467> > .
- 28 **Indicação de link:** Sobre os estágios de formação da consciência moral, segundo Piaget, ver o seguinte artigo: < <http://www.brasile scola.com/biografia/piaget-desenvolvimento-moral-na-crianca.htm> > .
- 29 **Indicação de link:** Sobre a relação entre responsabilidade e sustentabilidade, veja-se o seguinte artigo: < <http://www.webartigos.com/artigos/responsabilidade-social-e-sustentabilidade/7197/> > .
- 30 **Indicação de vídeo:** Para uma análise do conceito de ética planetária, veja-se o vídeo disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=ymKmk2Z2LMY&feature=fvvr> > .
- 31 **Indicação de vídeo:** Veja-se o documentário disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=SbOasj7Kb1k&feature=results_video&playnext=1&list=PL2C86C25FF657EB51 > .
- 32 **Indicação de vídeo:** Sobre o tema da responsabilidade social, sobretudo nas empresas, veja-se o vídeo que apresenta palestra promovida pelo Instituto Ethos: < <http://www.youtube.com/watch?v=NvrXJlcqJmo> > .